



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

**A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ESCOLAR
DAS CRIANÇAS**

MARIA DO SOCORRO BEZERRA MARTINS

**CAMPINA GRANDE – PB
2013**

MARIA DO SOCORRO BEZERRA MARTINS

**A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ESCOLAR
DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de especialista em
Formação de Professores da Educação
Básica.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva**

**CAMPINA GRANDE – PB
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

M386v Martins, Maria do Socorro Bezerra.

A violência doméstica e sua relação com o desempenho escolar das crianças [manuscrito] / Maria do Socorro Bezerra Martins. – 2013.

36 f.

Digitado.

Monografia (Especialização em Formação de Professores da Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

“Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva,
Departamento de Educação”

1. Rendimento escolar. 2. Violência doméstica. 3. Crianças.
I. Título.

21. ed. CDD 371.26

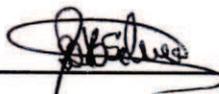
MARIA DO SOCORRO BEZERRA MARTINS

**A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO
ESCOLAR DAS CRIANÇAS**

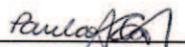
Monografia apresentada no Curso de Especialização Formação de Professores da Educação Básica em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 09/11/2013

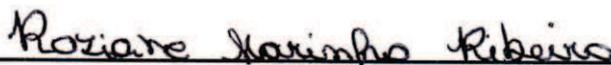
Banca Examinadora



Profa. Dra. **VALDECY MARGARIDA DA SILVA**
Orientadora (UEPB)



Profa. Dra. **PAULA ALMEIDA DE CASTRO**
Examinadora (UEPB)



Profa. Dra. **ROZIANE MARINHO RIBEIRO**
Examinadora (UFCG)

Dedico este trabalho com muito carinho à minha família, pelo incentivo e pela força que sempre me passaram para que eu conseguisse chegar até aqui;

A todos da turma do Curso de Especialização em Formação do Professor da Educação Básica, pelo esforço e colaboração uns com os outros;

Às minhas amigas de trabalho, pela colaboração sempre que precisei;

E a todos que passaram energias positivas e contribuíram para que eu concluísse este Curso de Pós-graduação em Formação de Professores da Educação Básica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, único conhecedor de todos os obstáculos enfrentados neste caminho, pela força e coragem que me proporcionou, para que eu vencesse mais um desafio.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este sonho se realizasse.

Muito obrigada!

*Nós pedimos com insistência:
Não digam nunca: isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia.
Numa época em que reina a confusão.
Em que corre o sangue,
Em que se ordena a desordem,
Em que o arbitrário tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza,
Não digam nunca: isso é natural!*

Bertolt Brecht

RESUMO

Neste trabalho são apresentadas as percepções dos professores da Educação Infantil sobre a violência doméstica e sua relação com o desempenho escolar das crianças, estas falas servem pra ilustrar a abordagem bibliográfica sobre o tema. Frente a essa situação optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica visando discutir a violência doméstica e sua relação com o desempenho escolar das crianças, com o objetivo de investigar suas causas e consequências, buscando, também, reconhecer as possíveis causas do insuficiente rendimento escolar dos educandos, os efeitos da proposta pedagógica da escola no combate à violência doméstica e identificar os tipos de violência presentes no cotidiano das crianças. Os resultados evidenciaram que há correlação significativa entre a violência doméstica e a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Violência Domestica. Crianças. Desempenho Escolar.

ABSTRACT

In this study the perceptions of teachers of early childhood education on domestic violence and its relation to school performance of the children are presented, these lines serve to illustrate the approach literature on the subject. In this situation it was decided to conduct a literature search in order to discuss domestic violence and its relation to school performance of children with the aim to investigate its causes and consequences, seeking also to recognize the possible causes of poor academic performance students, the effects of school pedagogical proposal in combating domestic violence and identify the types of violence present in the daily lives of children. The results showed that there is significant correlation between domestic violence and child development and learning.

Keywords: Domestic Violence. Children. School Performance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - Conceituando a violência.....	12
CAPITULO II - Tipos de violência presentes no cotidiano das crianças.....	19
CAPITULO III - A violência doméstica e os reflexos no rendimento escolar dos educandos.....	22
3.1 Análise das falas dos professores: qual o papel da Escola no acompanhamento de alunos vítimas da violência doméstica	25
CONCLUSÕES.....	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A problemática do baixo rendimento da aprendizagem tem sido debatido entre pesquisadores de diversas áreas, verificando assim, que as possíveis causas do baixo desempenho escolar, não são atribuídas somente aos fatores intra escolar ou a deficiências de ordem psicológica ou biológica.

Comumente, as causas do fracasso escolar têm sido atribuídas as políticas públicas ineficazes, à deficiência de projetos pedagógicos, à má formação dos professores, às metodologias inadequadas e até mesmo ao processo avaliativo empregado na escola.

Muito se tem pesquisado a respeito dos processos de aprendizagem da criança. Sua gênese e seu desenvolvimento foi matéria de estudo de grandes pesquisadores como Jean Piaget, Henry Wallon, Lev Vigotsky, entre outros, que vieram a contribuir para uma melhor compreensão desses processos, auxiliando assim educadores a embasarem os seus métodos de ensino de modo que estes se tornassem mais eficientes, efetivos e eficazes.

Contudo, na atualidade, deparamos-nos com problemas ainda mais graves e que extrapolam a relação escolar, mas, que introduz suas consequências ao ambiente escolar. Ou seja, as relações estabelecidas no contexto familiar, deslocam-se para a sala de aula, refletindo diretamente no desempenho do aluno. A influência da violência doméstica no processo de aprendizagem da criança corrobora também para a exclusão escolar, portanto, a violência no âmbito doméstico é extremamente complexa, para a criança e também para a escola, pois essa questão perpassa as relações familiares, a condição histórica e econômica e inclusive o contexto cultural.

Frente a essa situação optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica visando discutir a violência doméstica e sua relação com o desempenho escolar das crianças, com o objetivo de investigar suas causas e consequências, buscando, também, reconhecer as possíveis causas do insuficiente rendimento escolar dos educandos, os efeitos da proposta pedagógica da escola no combate à violência doméstica e identificar os tipos de violência presentes no cotidiano das crianças.

Para compreender-se a complexidade dessa temática, adota-se como referencial teórico as pesquisas, dissertações, artigos científicos e documentos

publicados pelas instituições governamentais e não governamentais que trabalham e tratam deste tema, dentre os quais o Ministério da Saúde e da Educação; a UNICEF, a UNESCO, os quais debatem as causas e consequências da violência doméstica no desenvolvimento escolar de criança e adolescentes, como também apontam alternativas, caminhos para sanar este que também é ainda por cima um problema de saúde pública.

CAPÍTULO I

Conceituando a violência

Diariamente, somos bombardeados por notícias de atos violentos em todas as partes do mundo. As atitudes violentas não atingem apenas as pessoas, pois são agressões físicas, verbais, contra o patrimônio público, pichações, dentre outras.

A violência e a intolerância têm sido as relações mais recorrentes entre as diferentes formas de organização social, econômica e cultural do século XX e início do século XXI. Entre as instituições mais atingidas pela violência social está a escola que se apresenta, também, como o lugar de ocorrência que produz e destrói valores, antes sagrados para a cultura Ocidental (FREITAS, 2010).

No presente capítulo, destacamos o conceito de “violência” e sua evolução, compreendendo, contudo, que este conceito sofre a influência sociocultural que permeia a vida em sociedade. Estas conceituações possuem embasamento teórico em autores e documentos técnicos da UNESCO a respeito do assunto, a saber: FERRARI, 2006; SOUZA, 2008; HAYECK, 2009; RISTUM, 2010; entre outros.

A crise das relações interpessoais, não tem afetado só a escola, constata-se a vivência de uma crise que atinge todos os segmentos sociais. Ao tratar da questão da violência, a Organização das Nações Unidas para a educação, à ciência e a cultura – UNESCO destaca que a violência e a intolerância têm sido as relações mais recorrentes entre as diferentes formas de organização social, econômica e cultural do século XX e início do século XXI.

Estudiosos e pesquisadores das ciências humanas tem conceituado a violência, tendo assim, assumido conceituações diferenciadas. De acordo com Ristum (2010):

Na literatura, a violência é conceituada de diferentes formas, não havendo critério quanto às rotulações e classificações, ou, quando se utilizam critérios, estes são confusos, dificultando seu uso por outros pesquisadores (RISTUM, BASTOS, 2004, p. 232).

A violência pode, então, ser definida de acordo com termos sociológicos, psicológicos, antropológico e filosóficos. A etimologia do termo define-a como: constrangimento físico ou moral, uso da força, coação. Desse modo, quando pensamos em violência, imediatamente pensamos em agressão física, em xingamentos ou insultos a um (a) terceiro (a) de maneira direta (Dicionário Aurélio, 2001).

Para Souza,

A violência deve ser entendida como uma categoria muito abrangente que, talvez, seja pouco produtiva em termos de uma descrição adequada do universo de problemas presente na sociologia da violência (SOUZA, 2008, p.13).

Não pretendemos aqui, nem o cenário atual mais permite, ficar apontando quem é ou não culpado pela violência que afeta a todos, cabe-nos identificar os agentes causadores e juntos buscarmos soluções, verificando as possibilidades da sociedade, da escola e da família atuar no combate a violência.

Nesse sentido, percebemos a priori que podemos ter uma ideia equivocada do que seja violência, conceituando-a como agressão física. Por isso, a violência comumente está associada a roubos, homicídios, ao uso da arma. A respeito da violência, Ferrari (2006, p.51) diz que a violência se confunde com a agressividade e que “o termo violência torna-se uma categoria ampla, comportando inúmeros fenômenos, o que a torna pouco precisa”. O autor acrescenta: “Na psicanálise, a violência é vista sempre em um referencial que mostra que o encontro com a linguagem não é sem consequências para o humano”.

Assim, a palavra violência é utilizada para definir uma série de atos, de manifestações violentas. Hayeck (2009) citando Michaud (1989) define a violência como:

[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, acusando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (HAYECK, 2009, p.03).

O fato é que a violência é alvo de várias discussões, sob a ótica de diversas ciências. Sob o enfoque sociológico, a violência é assim definida por Zaluar (1999)

Violência vem do latim *violentia* que remete a vis (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar o ato como violento, percepção essa que varia cultural e historicamente. (ZALUAR, 1999, p.28).

Michaud (1989) também define vários enfoques da violência, a saber: a) o fato de agir sobre alguém ou fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação; b) fato através do qual se exerce a violência; c) uma disposição natural para expressão brutal dos sentimentos; d) a força irresistível de uma coisa; e) o caráter brutal de uma ação.

Na perspectiva da pedagogia a violência é confundida com a agressividade, com a indisciplina, com o bullying, sabendo-se, no entanto que todas estas manifestações são atos violentos. Chauí (1985) entende a violência como:

Uma realização determinada das relações de forças, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois outros ângulos. Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência. (CHAUÍ, 1985, p. 35).

Marilena Chauí é uma das filósofas brasileira da atualidade mais atuantes com trabalhos sobre história da filosofia, ideologia, democracia e filosofia política, seus pensamentos discorrem não apenas sobre estudos acadêmicos, mas também pelas questões sobre o âmbito político e social brasileiro, lutando a favor da cidadania e contra o autoritarismo.

Tratando das questões sobre a violência como uma relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão, Chauí, leva-nos a entender que no contexto da violência, a escola é uma das instituições mais atingidas, tanto que na escola, a problemática da violência tem sido palco de muitas discussões entre os professores, pois têm se manifestado de várias formas.

A violência não é a mesma de um período a outro, diz Wieviorka (1997), acrescentado “A violência, hoje, renovou-se profundamente nos significados de suas expressões mais concretas” (p.5).

Há diversos raciocínios suscetíveis de constituir instrumentos de compreensão da violência, diversas tradições sociológicas, e pode-se mesmo considerar que não há teoria geral que não seja capaz de contribuir com um enfoque específico para a análise da violência. Mas, se é possível apresentar os principais modos de abordagem da violência⁵, indicando para cada um sua quota de contribuição e seus limites, e refletir sobre as possibilidades que há de acumular conhecimentos, logo integrando as diversas proposições disponíveis em teorias complexas, é talvez ainda mais interessante ver como, segundo as épocas, certas ideias exercem uma influência ou têm um impacto predominante (WIEVIORKA, 1997, p.11).

Costa e Pimenta (2006) destacam que é comum associar-se violência a atos de criminalidade, mas seu conceito vai além da dimensão da criminalidade, e se constitui a partir das relações sociais.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) a violência é definida como:

O uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (OMS *apud* Dahlberg e Krug, 2006, p.06).

A OMS, também entende o conceito de violência do ponto de vista da atitude psicológica, compreendendo-a como xingamento que gera sofrimento, pressão e atos de desprezo.

Essa complexidade do que é violência precisa ser percebida pela escola, que tem atribuído a atual conjuntura como indisciplina e bullying, quando sabemos que é preciso analisar a questão da violência e suas consequências sobre diferentes ângulos.

Tuesta (1997) lembra que a violência, desde a década de 1990, passou a ser reconhecida como parte da agenda da Saúde Pública, em virtude do crescente número de mortes e traumas que provoca na sociedade.

Tuesta (1997, p.8) assinala:

A violência é um risco maior para a realização do processo vital humano (PVH). Cada processo violento que se concretiza ou se converte em norma interfere no PVH porque ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade

e coloca a morte como realidade ou como possibilidade próxima - não somente ao PVH individual, mas também na sua dimensão coletiva.

No dia-a-dia da sala de aula temos nos deparado com as consequências da violência atingindo a escola, tendo o fenômeno da violência ocupado, não mais apenas as páginas policiais, a mídia, mas também o meio acadêmico, sendo motivo de preocupação para os educadores.

Até aqui, diante do exposto, vimos que conceituar o termo violência não é fácil, ao contrário é bastante complexo. Não podendo, portanto, desconsiderarmos a multidimensionalidade do fenômeno. Segundo Gilberto Velho, (2001, p. 11) “a violência vai muito além do que costuma apreender o senso comum, considerando que este a associa a violência apenas à violência física”.

Podemos, então, definir a violência segundo dois eixos: à tipologia e à natureza. No primeiro relacionado à eixo tipologia, a violência divide-se em: familiar, comunitária, coletiva, social, política e econômica. Já no segundo classificamos como físico, sexual e psicológico.

Esse significado do que seja a violência precisa ficar claro para todos os envolvidos, pois só assim, pode-se desenvolver políticas inclusivas na sociedade e na escola. FERRARI et al (2004), define a palavra violência como derivada do latim *violentia*, que significa “fúria e impetuosidade (do vento), ferocidade e ardor (do sol)”.

A violência, diz FERRARI et al (2004),

Sempre esteve presente na História da humanidade. Entretanto, atualmente os atos de violência revestem-se de novas formas, e ela atinge, de uma maneira ou de outra, todas as pessoas, independentemente de classe social, raça, gênero, religião ou cultura (FERRARI et AL, 2004, p.25).

Ter uma compreensão da problemática da violência numa perspectiva histórico-social, indo além do núcleo familiar, aponta para as políticas que a escola precisa desenvolver.

Neste sentido, e perante a necessidade de se intervir e encontrar respostas para estas realidades, é preciso se refletir sobre a violência seu modos e consequências e – partindo do princípio de que muito do que com ela é relacionado se deve, primeiro, às más condições de vida da população, à má distribuição de renda e depois, na esfera específica de cada indivíduo, às intervenções inadequadas da família no trato com a criança, além das características específicas de cada ser humano, como a individualização e o desenvolvimento psicossocial.

Na visão de Gonçalves (2010), a violência é uma manifestação irracional do homem e um reflexo da globalização, sendo assim:

Para todos os efeitos, guerra, fome, tortura, assassinato, preconceito, a violência se manifesta de várias maneiras. Na comunidade internacional de direitos humanos, a violência é compreendida como todas as violações dos direitos civis (vida, propriedade, liberdade de ir e vir, de consciência e de culto); políticos (direito a votar e a ser votado, ter participação política); sociais (habitação, saúde, educação, segurança); econômicos (emprego e salário) e culturais (direito de manter e manifestar sua própria cultura. (GONÇALVES, 2010, p. 48).

Isto porque desde os tempos imemoriais a violência está presente, na história da humanidade há inúmeros recortes de violência. Daí a preocupação das diversas ciências em entender este fenômeno. Segundo Minayo (1994), a violência não é inata ao ser humano. A autora destaca:

É, hoje, praticamente unânime, por exemplo, a ideia de que a violência não faz parte da natureza humana e que a mesma não tem raízes biológicas. Trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade (MINAYO, 1994, p.07).

Observa-se, portanto, que o conceito de violência não é linear, como também não pode ser conceituado, entendida, a partir do seu aspecto físico, direto, do uso da força.

Franco (1992) citado por Tuesta (1997, p.8) assinala que a violência compromete o processo vital do ser humano porque,

A violência é um risco maior para a realização do processo vital humano (PVH). Cada processo violento que se concretiza ou se converte em norma interfere no PVH porque ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade e coloca a morte como realidade ou como possibilidade próxima - não somente ao PVH individual mas também na sua dimensão coletiva.

A violência, portanto, aumenta a cada dia. De forma que ao analisar, ao conceituar a violência, se faz necessário compreender o contexto histórico e social.

A violência não é um problema novo, nem específico da contemporaneidade. A diferença histórica no trato da questão é a

visibilidade dada à violência nos últimos tempos, especialmente pela imprensa. Os jornais (escritos e televisionados) expõem casos de assassinatos, assaltos, sequestros, brigas, em todas as suas edições, criando a sensação de que a violência está em todos os lugares, e é inevitável (ABRAMOVAY, 2009, p.19).

Neste sentido, a violência precisa ser analisada em sua complexidade, ser vista a partir das diferentes formas de expressão. Hoje nos deparamos com o bullying nas escolas, nas redes sociais, as chacinas, os assaltos, sequestros, são diversas as maneiras e práticas da violência. A seguir, apresentaremos as diversas formas de violência.

CAPITULO II

Tipos de violência presentes no cotidiano das crianças

A agressão física é a forma mais visível da violência, embora existam vários tipos de violência, como a psicológica ou emocional, por exemplo. Azevedo e Guerra (2010) apontam como sendo três os tipos de violências existentes: a física, a sexual e a fatal. É nessa perspectiva que destaca-se as diferentes formas de violência presentes no cotidiano das crianças e adolescentes.

Segundo a Lei nº 11.340/2006, Lei Maria da Penha, são consideradas formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, Lei nº 11.340/2006, artigo 7º).

Estimativa das recentes pesquisas divulgadas no Brasil sobre o índice de violência doméstica, revelam que mais de 70% (setenta por cento) dos casos de

violência acontecem dentro de casa do que em espaços públicos. O Mapa da Violência contra Crianças e Adolescentes, divulgado em 2012, aponta que foram registrados quase 120 mil casos em 2012.

No contexto em questão, podemos pormenorizar que com o decorrer do tempo as mulheres obtiveram grandes conquistas políticas, sociais, econômicas, mas as ações de violência cometidas no seio familiar, atingindo principalmente os filhos, ainda está aquém no que diz respeito aos direitos assegurados pelo estado e que se tratando do contexto cultural ainda há entraves no que diz respeito à essa forma de dominação na relação de gênero.

Assim, tem os a violência física, definida por Azevedo e Guerra (2010, p.16), como “toda ação que causa dor física numa criança, desde um simples tapa até o espancamento fatal”.

Em relação às formas de violência doméstica, Silva (2002) assim se posiciona:

Abuso/Violência Física: são atos de agressão praticados pelos pais e/ou responsáveis que podem ir de uma palmada até ao espancamento ou outros atos cruéis que podem ou não deixar marcas físicas evidentes, mas as marcas psíquicas e afetivas existirão. Tais agressões podem provocar: fraturas, hematomas, queimaduras, esganaduras, hemorragias internas etc. e, inclusive, causar até a morte (SILVA, 2002, p. 34).

Esse tipo de violência é mais perceptível, mesmo na escola, por professores e toda equipe escolar, pela sua facilidade de visualização. Já a violência sexual é menos perceptível, porque atua no emocional da criança, muito mais que a agressão física. Esse tipo de violência além de ser uma coerção exercida pelo agressor sob a vítima, causa constrangimento, caso o individuo venha a se expor.

A violência sexual configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. Ressalte-se que em ocorrências desse tipo a criança é sempre vítima e não poderá ser transformada em ré (AZEVEDO, GUERRA, 2010, p.16).

A violência sexual geralmente é praticada por adultos que convivem com a criança. Nesse sentido, estudo realizado por Vagostello et alli (2003) sobre a capacidade de identificação de situações de maus tratos domésticos em escolas por professores e como se dá o encaminhamento deste problema no âmbito escolar, revelou que estes profissionais conseguem identificar várias situações e características de maus tratos domésticos, mas não são capazes de solucionar adequadamente estes casos, pois procuram orientar os pais em vez de encaminhá-los aos serviços de proteção à criança e ao adolescente. No caso da violência sexual, uma tomada de atitude por parte da escola é muito mais difícil, pois esse tipo de violência:

Geralmente praticada por adultos que gozam da confiança da criança ou do adolescente, tendo também a característica de, em sua maioria, serem incestuosos. Nesse tipo de violência, o abusador pode utilizar-se da sedução ou da ameaça para atingir seus objetivos, não tendo que, necessariamente, praticar uma relação sexual genital para configurar o abuso, apesar de que ela acontece, com uma incidência bastante alta. Mas é comum a prática de atos libidinosos diferentes da conjunção carnal como toques, carícias, exibicionismo, etc., que podem não deixar marcas físicas, mas que nem por isso, deixam de ser abuso grave devido às consequências emocionais para suas vítimas (SILVA, 2002, p.35).

Os aspectos inerentes às formas de violência praticadas contra crianças e adolescentes são bastante complexos tanto para o agredido como para os que estão a sua volta, como os professores, por exemplo, dado o envolvimento do agressor com a vítima. Sabe-se que em muitos casos, a violência não se restringe apenas a atos físicos e sexuais. Há casos que chega a fatalidade. Azevedo e Guerra (2010) chamam de violência fatal:

Atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação à criança e/ou adolescente que, sendo capazes de causar-lhes dano físico, sexual e/ou psicológico, podem ser considerados condicionantes (únicos ou não) de sua morte (AZEVEDO, GUERRA, 2010, p.17).

Esse tipo de violência a que se refere às autoras, afasta-se um pouco da temática abordada neste artigo, em que seu recorte principal é a influência da violência na aprendizagem. Ademais, um comentário mais embasado da violência fatal, necessita de dados sócio-demográficos consistentes, para que seja possível

evidenciar situações de violência presentes no cotidiano das crianças e em suas relações familiares.

Mas, independente das formas de violência praticadas contra crianças e adolescentes, além dos danos físicos, morais, sexuais, psicológicos e emocionais, estes indivíduos ainda são penalizados em decorrência dessa agressividade com o baixo rendimento escolar, com a redução da autoestima. Sendo a violência, também, umas das causas da evasão escolar, conforme o Ministério da Educação (MEC).

Atualmente, a questão da violência doméstica contra crianças e adolescentes, não é apenas de competência da justiça ou uma questão social, dada a dimensão do caso, é também uma questão de saúde pública. De acordo com o Caderno de Violência Doméstica e Sexual Contra Crianças e Adolescentes, elaborado pela Prefeitura de São Paulo, em 2007, “Atualmente a violência contra crianças e adolescentes também passou a ser uma questão de saúde pública, envolvendo os profissionais da saúde na prevenção, detecção, intervenção e tratamento dessas crianças e adolescentes” (p.11).

Neste sentido, a violência doméstica e seus impactos no desenvolvimento infantil, foi investigada por Rodrigues e BinsfeldHess em 2012. As pesquisadoras realizaram uma revisão bibliográfica de artigos em português, publicados no período entre 2007 a 2012 e concluíram ao final que “a violência doméstica é um grande problema de saúde pública, sendo visível a necessidade de investir em estratégias de caráter curativo e preventivo” (p.2).

No capítulo a seguir, discute-se as consequências da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos, partindo-se do princípio que a aprendizagem é influenciada também pelas vivências do indivíduo.

CAPITULO III

A violência doméstica e os reflexos no rendimento escolar dos educandos

Ter uma compreensão da problemática da violência numa perspectiva histórico-social, indo além do núcleo familiar, aponta para as políticas que a escola precisa desenvolver. Nesse sentido, levanta-se algumas hipóteses: Como a escola percebe o significado da violência? É a agressão física, verbal? É a indisciplina em sala de aula? Esse significado do que seja a violência precisa ficar claro para todos os envolvidos, pois só assim pode-se desenvolver políticas inclusivas na escola.

Em relação à violência que impera na sociedade atual, atingindo, por conseguinte as relações escolares, Ferrari et al (2004) destaca que a violência é um fenômeno crescente, principalmente nas escolas de áreas urbanas, alterando o comportamento das crianças e adolescentes, sendo a escola o reflexo do seu relacionamento com a família.

A constituição familiar tem se estruturado ao longo do tempo num modelo patriarcal, onde impera a vontade do homem. E por décadas esteve a mulher submissa a este modelo. Mas, hoje convivemos com várias mudanças na constituição das famílias. Contudo, tal processo, não mudou por completo a cultura do domínio masculino sob o feminino. Nem tão pouco as formas de opressão exercidas. Como destaca Ferrari et al (2004), a violência sempre esteve presente na História da humanidade. Entretanto, atualmente os atos de violência revestem-se de novas formas e ela atinge, de uma maneira ou de outra, todas as pessoas, independentemente de classe social, raça, gênero, religião ou cultura.

O próprio Ministério da Saúde, abordando a Violência Intrafamiliar (2001, p.7), declara que esse tipo de violência “atinge parcela importante da população e repercute de forma significativa sobre a saúde das pessoas a ela submetidas. Configura-se um problema de saúde pública relevante e um desafio para os gestores do Sistema Único de Saúde (SUS)”.

Da mesma forma, a opressão masculina sobre a feminina é um fenômeno histórico-social, assim o é com a violência no contexto familiar. É uma violência

simbólica e, por isso mesmo de difícil percepção. É neste ponto que a escola deve buscar formas de perceber o significado da violência e sua manifestação em seu espaço, enquanto reflexo das relações familiares.

Para o Ministério da Saúde (2001, p.12), deve ser considerada violência intrafamiliar “qualquer tipo de relação de abuso praticado no contexto privado da família contra qualquer um dos seus membros”.

Então, diante dessa problemática, no caso específico, da escola, e das relações de poder que a família exerce sobre crianças e adolescentes, deve-se procurar voltar os esforços para a participação do alunado em todas as atividades seja na sala de aula, seja nos momentos coletivos, bem como a integração da família com a escola, e vice-versa; inserindo medidas e posturas que aproximem os alunos dos professores e vice-versa.

Todos os professores de diferentes níveis já usaram muitas estratégias, materiais e métodos e sabem que o que funcionou em um momento pode não funcionar em outro e, em certas ocasiões, nada parece adequado. Assim, muitas vezes, é preciso usar diferentes estratégias para que o aluno se sinta estimulado para a aprendizagem. Contudo, faz-se necessário investigar as causas do aparente desinteresse do aluno, do baixo rendimento nas atividades pedagógicas.

Os traumas oriundos da violência doméstica sofrida pelo aluno pode ser uma das causas desse baixo rendimento. Em estudo realizado sobre a violência doméstica e a escola, em escolas públicas de São Paulo, Vagostello et alli (2003) investigou a capacidade de maus tratos domésticos, usando uma amostra composta por 90 profissionais da educação. Concluindo que é possível os educadores identificarem sinais de violência, entretanto, não é possível tomar medidas para solucionar esta situação.

Analisando a interferência da violência doméstica no aprendizado da criança e do adolescente, Oliveira (2007) constatou o alto índice de violência contra crianças e adolescentes. A pesquisa foi realizada com professores e pessoas do Conselho Tutelar de Juazinho-SP, verificando que “a aprendizagem sempre será afetada, pois a criança para desenvolver sua criatividade, criticidade e ao mesmo tempo seu

desenvolvimento físico, psíquico e emocional precisa de alguns requisitos, entre os quais carinho, atenção e muito amor por parte dos pais e professores”.

Os reflexos da violência no cotidiano escolar foi descrita por Faleiros et alli (2008) como uma forma de relacionamento ancorada na cultura e na história brasileira. Segundo a autora:

Todas as pesquisas, nacionais e internacionais, indicam que os familiares são os maiores autores de violências contra crianças e adolescentes. São freqüentes a violência física e psicológica praticada pelas mães e a violência sexual praticada pelos pais. Em seguida, nas estatísticas, aparece a violência praticada por conhecidos. Desconhecidos raramente são autores de violência. (FALEIROS, et alli, 2008, p,50).

A afetividade e desenvolvimento psicossocial são aspectos a serem considerados pela escola ao se posicionar sobre as situações de violência contra crianças e adolescentes, dado os estudos que destacam a relação entre o desenvolvimento cognitivo da criança e a afetividade.

A fim de subsidiar o estudo sobre os reflexos da violência doméstica na escola, fizemos uma breve análise da realidade vivenciada por professores quanto aos casos de violência na escola, entrevistamos professores que atuam na educação infantil, no município de Campina Grande.

Este estudo exploratório foi realizado com quatro (4) professoras que atuam na educação infantil de uma creche municipal, no turno da tarde, através de questionário identificou-se o perfil dos professores e três (3) questões abertas sobre: se percebem evidências de violência doméstica na escola; qual a postura diante de tais fatos e; quais as formas de violência doméstica mais recorrente na vida desses alunos?

- **Descrição dos entrevistados**

Este grupo de professores é predominantemente do sexo feminino e declararam que o tempo médio de exercício da profissão está entre 13 a 20 anos de trabalho. Quanto a idade a média é de 25 a 40 anos de idade. Todos os entrevistados possuem graduação em Pedagogia e lecionam na Educação Infantil, em turmas do Maternal e Jardim II.

Transcrevemos a seguir trechos das falas dos entrevistados¹ e suas respectivas análises. Com relação a questão 1, "Você percebe evidências de violência doméstica nos seus alunos". A fala dos professores é a seguinte:

Percebo pela atitude da mãe, que quando chamada a escola é agressiva com o aluno, chegando inclusive a beliscá-lo na nossa frete. (Professora 1)

Os próprios alunos revelam, dizendo que levou uma surra daquelas. (Professor 2)

A violência doméstica de briga de pais que afetam a criança, deixando ela triste e dispersa na aula. (Professora 3)

É falta de respeito com a criança, discussão dos pais e violência física que no outro dia todas comentam na escola, os alunos que moram perto, e a criança fica encolhida na sala, sem motivação pra participar das atividades. (Professora 4)

Não há dúvida de que todos os entrevistados sabem identificar casos de violência na sala de aula. Neste caso, a interação professor-aluno é um aspecto fundamental das situações cotidianas. Uma das atitudes de mudança mais urgentes na escola é a motivação do aluno, a valorização do aluno, a descoberta de caminhos que melhore sua autoestima.

Os professores também foram perguntados sobre "Qual atitude você toma diante da constatação dos casos de agressão a criança".

Estes alunos vivem numa situação social e econômica difícil, tem pais que bebem, assim o que podemos fazer é comunicar a assistente social e psicóloga da creche para chamar os pais. (Professora 1)

Os pais nunca comparecem a escola, alegam que trabalham o dia todo. Mas, estou sempre conversando com a criança. (Professor 2)

Já chamei a mãe uma vez, ela disse que estava muito nervosa e que agiu sem pensar. (Professora 3)

É difícil para o professor denunciar, porque a violência hoje é muito grande e o professor pode ser afetado. (Professora 4)

Infelizmente, não são apenas fatores intrínsecos a vida escolar, que conduz a este processo, as relações familiares também, visto que muitos pais contribuem com uma autoestima baixa para seus filhos, pois sempre criticam ou constantemente chamam sua atenção, agridem e machucam.

¹ Para os entrevistados serão utilizados nomes fictícios.

Quais os tipos de violência doméstica você percebe na vida desses alunos, foi a última questão indagadas aos professores.

Briga dos pais com agressão física que termina envolvendo a criança. (Professora 1)

Violência em casa, com quebra de moveis e pancadarias, relatam outros pais e alunos. (Professor 2)

Apenas discussão entre os pais em casa, afetando o lado emocional da criança, que presencia essa situação. (Professora 3)

Discussão em casa. (Professora 4)

A motivação para tais crianças é imprescindível para o seu aprendizado, por isso como conhecedores dos fatores extrínsecos a escola, que acabam por desmotivá-las, devemos intervir de forma a assegurar-lhes condições de desenvolvimento no processo de aprendizagem escolar.

3.1 Análise das falas dos professores: qual o papel da Escola no acompanhamento de alunos vítimas da violência doméstica

Embora a busca por parte da maioria dos professores esteja concentrada na dimensão intelectual. Pouco se têm voltado para a dimensão afetiva. Nessa perspectiva, os sentimentos tornam-se quase irrelevantes, naquilo que chamamos de subjetividade da prática educativa.

De acordo com Nascimento (2003), a afetividade parece ser a manifestação mais preliminar da vida consciente, distribuída entre a vida orgânica, à qual está diretamente ligada e a vida intelectual. Ela é como que a expansão da sensibilidade vital sendo um dos aspectos da subjetividade humana, relevante no processo de desenvolvimento cognitivo e da pessoa na sua totalidade; se manifesta através dos desejos, sonhos, dando-lhe sentido e significado. A vida cotidiana, o ambiente familiar, social e escolar, pode ensinar às crianças a serem afetuosas, amorosas ou frias, auto-suficiente, distantes, a terem autoconfiança ou a serem tímidas ou desconfiadas.

Piaget (1983) estudou como se desenvolve a inteligência durante o percurso de crescimento do homem como um todo, explicando que, há no ato de inteligência duas regulações de natureza afetiva, uma energética interna, que se refere a

interesse, esforço, facilidade, etc., e uma energética externa que se refere ao valor das soluções procuradas e dos objetos alvo da pesquisa e que estas regulações são comparáveis a todas as demais regulações.

Complementando estas considerações, Piaget (*apud* BATTRO, 1978) destaca os afetos intraindividuais e os afetos interindividuais. Os primeiros regulam a conduta geral, são os interesses, os esforços, os afetos em geral da conduta interna do conjunto dos afetos interindividuais dos mais primitivos aos de ordem moral, a esta regulação de tendências chama de vontade.

Ao analisar o desenvolvimento infantil, Vygotsky (1988) concorda que a manifestação inicial da emoção é parte da herança biológica, porém, a emoção quando se liga a demais função psicológica nas interações sociais, abandona seu caráter instintivo, abrindo espaço para um nível mais complexo do ser humano, consciente e autodeterminado.

Vygotsky (1988) enfatiza que só se compreende o papel da emoção no contexto ativo da vida. Para ele, os processos emotivos possuem muitos significados e sentidos não determinados necessariamente pelo princípio do prazer, mas principalmente pela evidência de que durante a infância, o prazer dirige-se, também, para outras funções psíquicas, ou seja, mesmo que o prazer final seja, em algum momento do desenvolvimento, o motor principal da ação, em outro momento o prazer pode estar ligado à própria ação que se realiza.

A afetividade na teoria Walloniana² é ponto inicial do desenvolvimento humano, por isso ele chama a atenção sobre a necessidade de lidarmos com dois aspectos da natureza humana que são ao mesmo tempo antagônicos e complementares, o afetivo e o intelectual.

Emoção e inteligência são inseparáveis da atividade humana. A emoção está sempre presente na vida das pessoas. Assim, se nenhuma atividade intelectual inibe

² Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu em Paris, França, em 1879. Graduou-se em medicina e psicologia. Fez também filosofia. Atuou como médico na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ajudando a cuidar de pessoas com distúrbios psiquiátricos. Wallon foi o primeiro a levar não só o corpo da criança mas também suas emoções para dentro da sala de aula. Fundamentou suas idéias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Militante apaixonado (tanto na política como na educação), dizia que reprovar é sinônimo de expulsar, negar, excluir. Ou seja, "a própria negação do ensino". Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/henri-wallon-307886.shtml>. Acessado em: outubro de 2013.

a emoção, nenhuma situação emocional de grande intensidade anula por completo a presença da razão. Podemos dizer que a emoção nos surpreende com coisas agradáveis ou desagradáveis. É a demonstração mais nítida das preferências e dos desgostos das pessoas que obstinadamente dá passagem ao pensamento. A razão, no entanto, é ponderada, representa as capacidades lógicas do indivíduo, mas, geralmente obedece aos caprichos da emoção que se apossa do corpo da pessoa, produzindo forma e tensão.

Atualmente, Goleman (1995) têm tratado a existência da inteligência emocional como fundamental papel dos sentimentos sobre a cognição. Reconhecendo a carência de modelos cognitivos que esclareçam como a racionalidade pode ser seguida pelos sentimentos, ele critica a pobreza de visão científica que não compreende o papel das emoções sobre o pensamento e suas implicações no processo de construção do conhecimento.

Assim, ambas as formas de conhecimento (interpessoal e intrapessoal), encontram-se intimamente integradas em qualquer cultura, segundo o autor, pois o autoconhecimento é influenciado pelas observações de outras pessoas, à medida que o conhecimento do outro depende também, do referencial interno do próprio indivíduo e das suas discriminações.

Neste contexto, as relações familiares em que emergem situações de violência para com crianças e adolescentes, necessitam uma intervenção da equipe multidisciplinar da escola, tão importante quanto denunciar aos órgãos competentes os casos de violência contra menores é procurar e tratar as causas da violência familiar. Pesquisando sobre a violência doméstica contra crianças e adolescentes, Silva (2002, p.70) destaca:

Os pais têm uma responsabilidade imensa, em todos os aspectos, ele tem que ser um grande observador para identificar muitos pontos na criança [...] tem que ser um protetor, protegê-la tanto em termos biológicos como psíquicos, dar carinho, afeto, abraçar e quebrar arestas.

Acredita-se, portanto, que o professor, assim como toda a equipe escolar, tem um grande papel social, que é o de compreender o aluno no campo de sua dimensão humana, na qual estão presentes os aspectos intelectuais e afetivos atuando conjuntamente em todas as expressões do conhecimento. Na escola, como

conhecimento e de afeto. Sendo assim, o professor não deve desconsiderar o papel das emoções no processo de construção do conhecimento.

Seguindo a linha de pensamento vygotiskiana, é fácil mostrar que no sistema do comportamento humano os instintos não representam algo estagnado, que se move apenas por força inércia. Exatamente como ocorre com todas as demais formas de reação, no sistema real do comportamento. Dando continuidade, o autor referido argumenta:

Os instintos são condicionados socialmente, adaptam-se e se modificam e estão aptos a se transformar em novas formas. Por essa razão, não é ao princípio do paralelismo no desenvolvimento dos instintos que cabe à importância maior para a Pedagogia, mas ao mecanismo da sua adaptação social e inclusão na rede comum do comportamento. (VYGOTSKY, 1988, p.91).

Ao analisar-se a natureza psicológica das emoções Vygotsky diz que até as palavras interferem nas emoções, agindo de modos diferentes na vida do indivíduo.

A violência contra essas crianças é, às vezes, psicológica através de punições, ofensas ou sofrimento em virtude de situações vividas por si ou por outro membro familiar, ou mesmo violência física. Na pesquisa supracitada, são inúmeras as narrativas de violência familiar, vivenciadas pelas crianças e adolescentes do grupo. Mas ela também se manifesta na falta de carinho e de afeto, acentuada pelas duras condições de vida, ocasionada pelas situações de desemprego e de absoluta falta dos mínimos sociais para manter os padrões de sobrevivência com dignidade, sendo que, nestes casos, é comum constatar o recurso às drogas, principalmente o álcool. (SILVA, 2002, p.129-30).

Com base no ideal da educação emocional pode-se constatar basicamente de comportamentos diretamente relacionados à emoção – o comportamento e um processo de interação entre organismo e o meio, o qual apresenta três formas possíveis: o organismo sente a superioridade sobre o meio e por último quando surge certo equilíbrio entre o organismo e o meio.

Almeida (1997) questiona, então, qual seria a influência da parte afetiva no processo de desenvolvimento humano? Seria de suma importância, pois um ser que não se sente amado pode tornar-se futuramente uma pessoa egoísta, sem sonho, sem perspectiva de vida, muitas vezes machucando os outros na busca de sua individualidade.

O que nós, educadores, devemos fazer para resgatar esse sentimento que aos poucos está morrendo? Devemos levar nossos alunos a amar, a respeitar a si e ao próximo, resgatando neles o espírito de solidariedade, despertando o desejo de sonhar, a terem seus próprios objetivos, a lutarem por uma vida humana e mais justa.

Mediante estudos e reflexões acerca da importância da afetividade para o desenvolvimento psicossocial da criança por meio de um espaço acolhedor que propicie a confiança, aumento a auto-estima onde o amor, o respeito e a dedicação sejam elementos afetivos, prima-se pela atuação de um professor competente, sensível e humanamente preparado que sinta-se um agente transformador do processo educativo numa relação de reciprocidade com participação efetiva e afetiva.

Dessa forma, na busca de abrir caminhos para uma nova compreensão dos professores a respeito das relações afetivas com seus alunos, se faz necessário aprofundar estudos que possam influenciar positivamente no trabalho educativo destes profissionais assim, provocar transformações na relação professor-aluno, que venham favorecer a formação integral dos alunos.

É frequente perceber-se comportamentos inseguros dos pais frente a determinadas ações desenvolvidas pelas crianças que podem dar mostras de sintomas de perturbações afetivas. Agressividade extrema, medos e impulsos súbitos só são sinais de uma perturbação afetiva se forem muito espetaculares ou frequentes.

A escola é o segundo universo da criança, onde é exigido que ela trabalhe corretamente e apresente um comportamento sociável. Espera-se que demonstre interesse pelos estudos e desempenhe bem as atividades propostas, não correspondendo a essas expectativas e sendo reclamada frequentemente, isso pode indicar que ela possa estar afetivamente perturbada e que necessita de ajuda.

CONCLUSÕES

Acreditamos, a partir destes estudos bibliográficos e da pesquisa de campo, que não podemos conceber a afetividade apenas como uma simples ação apresentada no ato do afeto ou do carinho. No trajeto que juntos percorremos, buscamos inserir um viés para a reflexão no comportamento afetivo entre educadores infantis e as crianças, no contexto da creche.

Destacamos a necessidade de compreender o significado e o sentido das emoções na interação com as crianças, bem como as consequências de atos de violência contra crianças e adolescentes. Realizamos, assim, uma tentativa de aproximação da educação voltada para a formação integral, na qual valorize as dimensões cognitivas e afetivas.

Refutamos a visão mecânica que desconhece o papel das emoções no processo de construção do saber e propomos uma educação que respeite os direitos humanos, que favoreça a compreensão mútua e a solução de alguns problemas de ordem afetiva.

A violência familiar não apenas influencia no desenvolvimento da aprendizagem do aluno na escola, mas deixa sequelas profundas, evidenciando, os relacionamentos sociais, inclusive, excluindo a criança do convívio com os seus.

É preciso, portanto, que a escola esteja preparada para lidar com esta situação, para intervir e para dar o apoio emocional às vítimas da violência familiar, desenvolvendo estratégias que resgate e reforce sentimentos de forma integral. Os estudos sobre afetividade constataam que a mesma pressupõe uma possibilidade de participação do conjunto dos membros da comunidade escolar envolvida num mesmo propósito.

Por isso, valorizarmos neste estudo pressupostos teóricos como uma breve abordagem Vygotskyana e Piagetiana, no intuito de compreender o desenvolvimento da criança, a aprendizagem e o papel da afetividade no desenvolvimento cognitivo e nas relações sociais. Tentamos, assim, remeter o estudo para além da competência

técnica de base científica, o sentido estrito da afetividade frente à violência familiar e às vivências da criança vítima desta violência no contexto escolar.

Podemos vislumbrar, deste modo, que para podermos enfrentar na escola as consequências da violência doméstica, precisamos levar em consideração o conjunto das relações e ações práticas desenvolvidas em todas as instâncias de inserção dos seus membros nesta mesma escola. No interior da escola, através do relacionamento dispensado entre os educadores e alunos, pois ter uma compreensão da problemática da violência numa perspectiva histórico-social, indo além do núcleo familiar, aponta para as políticas que a escola precisa desenvolver.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M.C. *A afetividade do educador*. Revista Psicopedagogia. Vol. 16, nº 41, 1997. Ed. Salesianas.
- BATTRO, Antônio M. *Dicionário terminológico de Jean Piaget*. São Paulo: Pioneiro, 1978.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional, Lei n 9394 - 20 de dezembro de 1996*. Brasília-DF.
- BRASIL, *Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Presidência da República, Brasília, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- DANTAS, Piaget, Vygotsky, Wallon. *Teorias Psicogenéticas Discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- FERRARI, D. P. et al. O Resgate. In: *Construir Notícias*. Recife-PE: Multimarcas Editoriais, ano 03, nº 17, jul/ago 2004.
- FERRARI, D. P. Violência em casa, reflexo na escola: O Resgate. Revista Construir Notícias. Edição nº 054. Ano 10. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=689>. Acessado em: 23 de outubro de 2011.
- FERRARI, I. F. *Agressividade e Violência*. PSIC. CLIN., Rio de Janeiro, Vol.18, N.2, P.49 – 62, 2006.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1995.
- HAYECK, C. M. *Refletindo sobre a violência*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009.
- LAKATOS, E. M. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas, 1987.
- MARCHAND, M. *A afetividade do Educador*. São Paulo: Summus, 1985.
- MINAYO, M. C. S. *A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.
- OLIVEIRA, M.K. *Vigotsky – Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. 4ª ed. São Paulo: Scipine, 1998.
- PIAGET, J. *Seis Estudos de Psicologia*. Trad. Maria Alice Magalhães. D'Amorin e Paulo Sergio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- SÃO PAULO (Cidade). Secretaria da Saúde. Caderno de violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde - CODEPPS. São Paulo: SMS, 2007.60p.
- SCHULMAN, J. L. *El Aprendizaje de la Psicoterapia*. Editora Horne Paidós, 1966.

SILVA, L.M.P. *Violência doméstica contra a criança e o adolescente*. Recife: EDUPE, 2002. 240 p.: il.

SOUZA, L. A. F. *Sociologia da Violência e do Controle Social*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

UNESCO. *Indisciplina e Violência na Escola: o olhar da UNESCO sobre o exercício da tolerância e do respeito às diferenças*.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6ª edição. São Paulo. Martins Fontes. Editora brasileira, 1998.

WADSNORTH, B. I. *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H. *A Evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.